

Novembro começa com onda de calor no Nordeste e na Amazônia

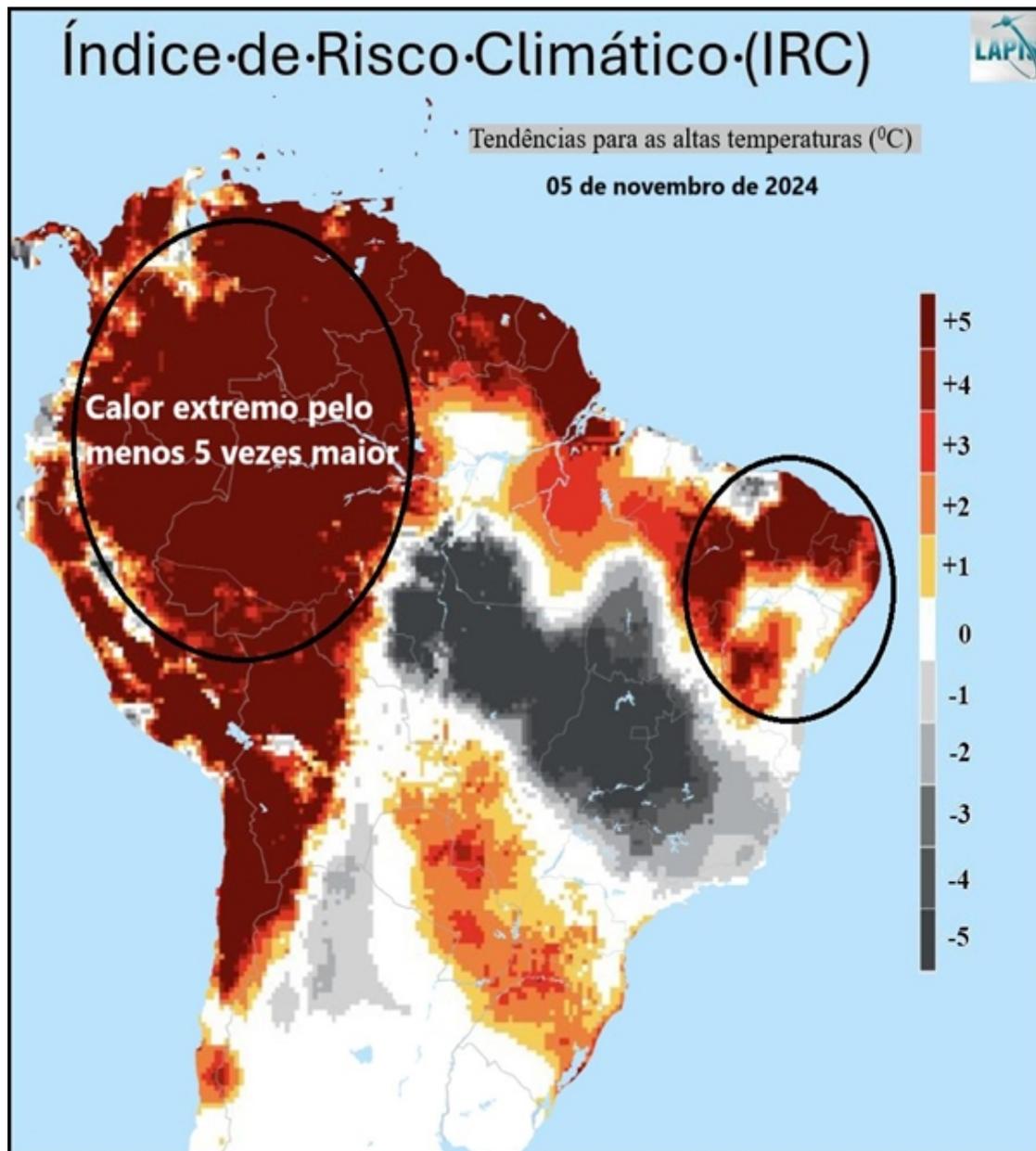
Por Letras Ambientais

criado em: 07/11/2024 | atualizado em: 07/11/2024 11h14



O Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)) divulgou uma **atualização sobre a situação das temperaturas nas regiões brasileiras**. De acordo com o mapa do Índice de Risco Climático (IRC), nesta

terça-feira, dia 05 de novembro, altas temperaturas podem afetar as regiões Norte e Nordeste, com chuvas menos frequentes.



As altas temperaturas foram analisadas com base no modelo de previsão da NOAA e coincidem com áreas altamente degradadas.

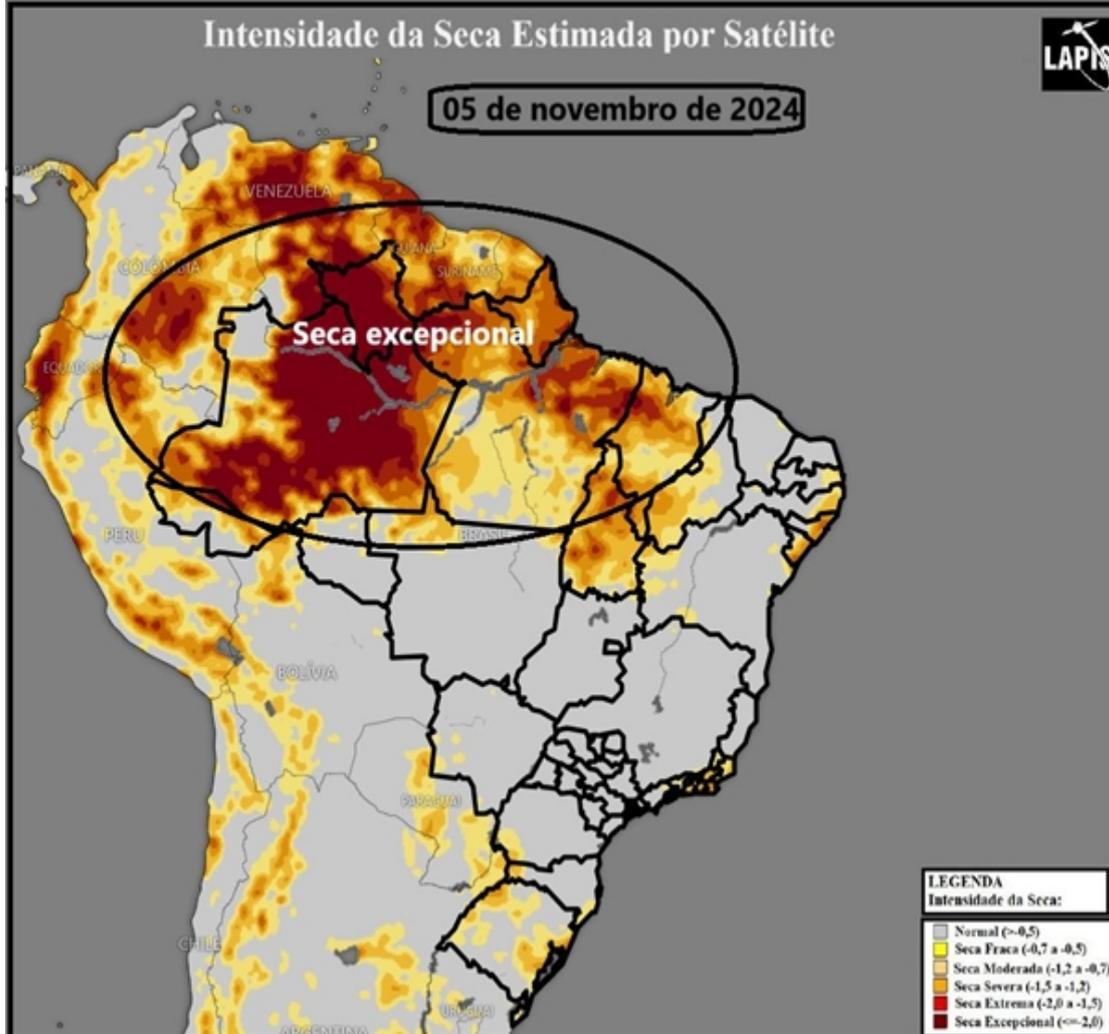
Quantificar o risco climático é útil para uma melhor tomada de decisão nos municípios brasileiros. Hoje, já é possível estimar como a **mudança climática**

alterou as temperaturas diárias, em qualquer localidade. O mapa é baseado no IRC, que varia de -5 a +5, indicando o impacto da mudança climática sobre a temperatura local.

"Essa onda de calor em áreas do Norte e Nordeste do País não é natural, mas provocada pela degradação ambiental, principalmente associada à seca", explica Humberto Barbosa, fundador do Laboratório Lapis e responsável pelo monitoramento.

>> **Leia também:** [Secas e desmatamento aceleraram degradação das terras na Amazônia nas últimas décadas](#)

Seca excepcional persiste no oeste da Amazônia



O Laboratório Lapis atualizou o **monitoramento da situação da seca** nas regiões brasileiras, a partir do mapa da intensidade da seca.

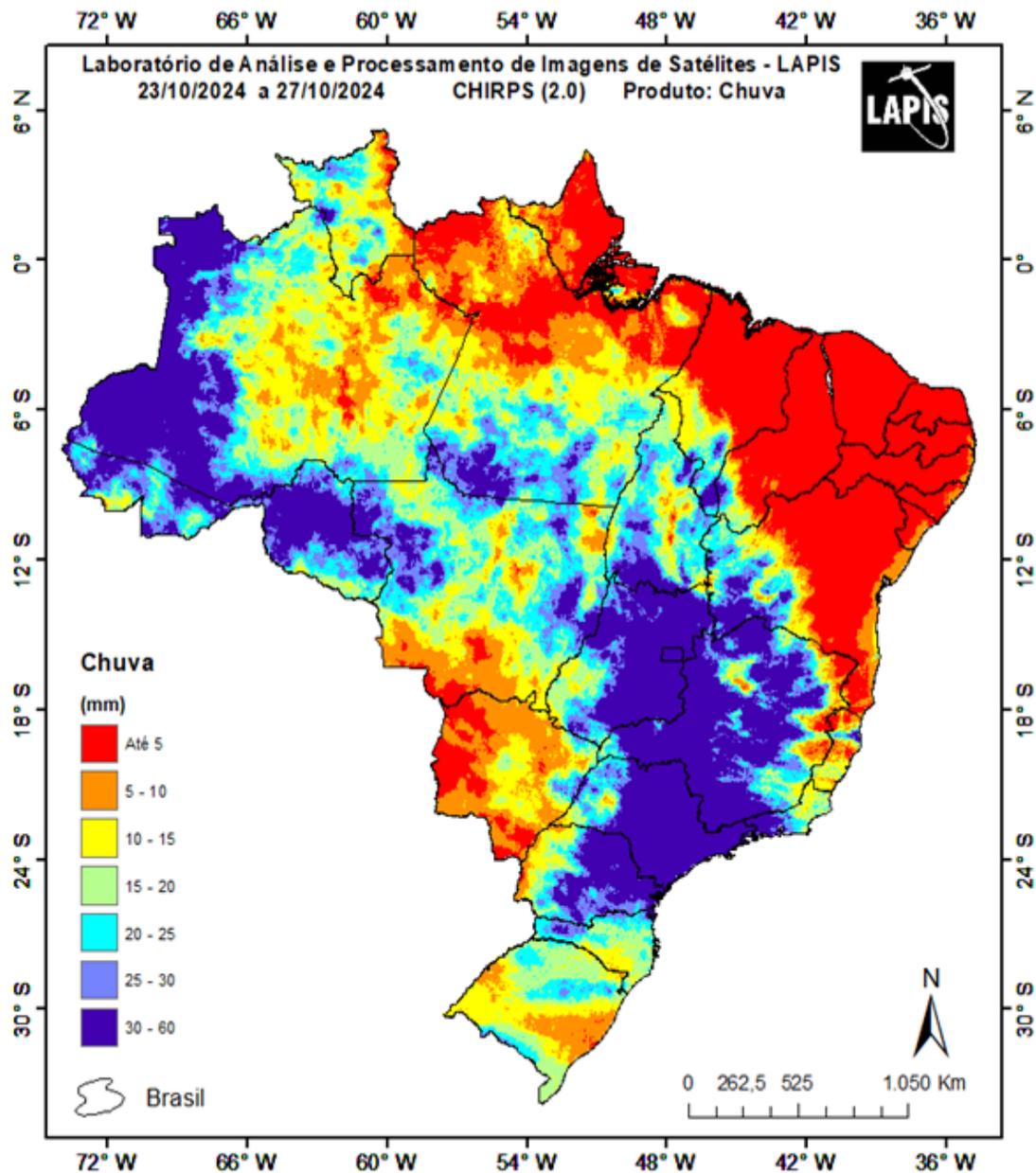
No mapa, as áreas em laranja e vermelho mostram como piorou o percentual de **umidade do solo e dos volumes de precipitação** na região Norte, quando comparado com a média histórica. A mesma condição é observada em parte da região de Matopiba, no oeste do Nordeste, embora com estiagem menos severa.

A [Amazônia enfrenta](#) impactos cumulativos de uma seca hídrica e atualmente está com [risco hidrológico maior](#) do que no ano passado. Rios da bacia

amazônica registram níveis mínimos históricos para esse período.

>> **Leia também:** [“Quatro secas extremas em duas décadas é incomum para a Amazônia”, afirma meteorologista](#)

Mapeamento destaca chuvas regulares na área central do Brasil



O mapa semanal da precipitação, baseado em dados de satélite, destaca a distribuição das chuvas no Brasil, no período de 23 a 27 de outubro deste ano. De acordo com o **monitoramento do Laboratório Lapis**, as chuvas voltaram ao [oeste da Amazônia](#) e continuam frequentes na região Sudeste, além de Goiás e Paraná.

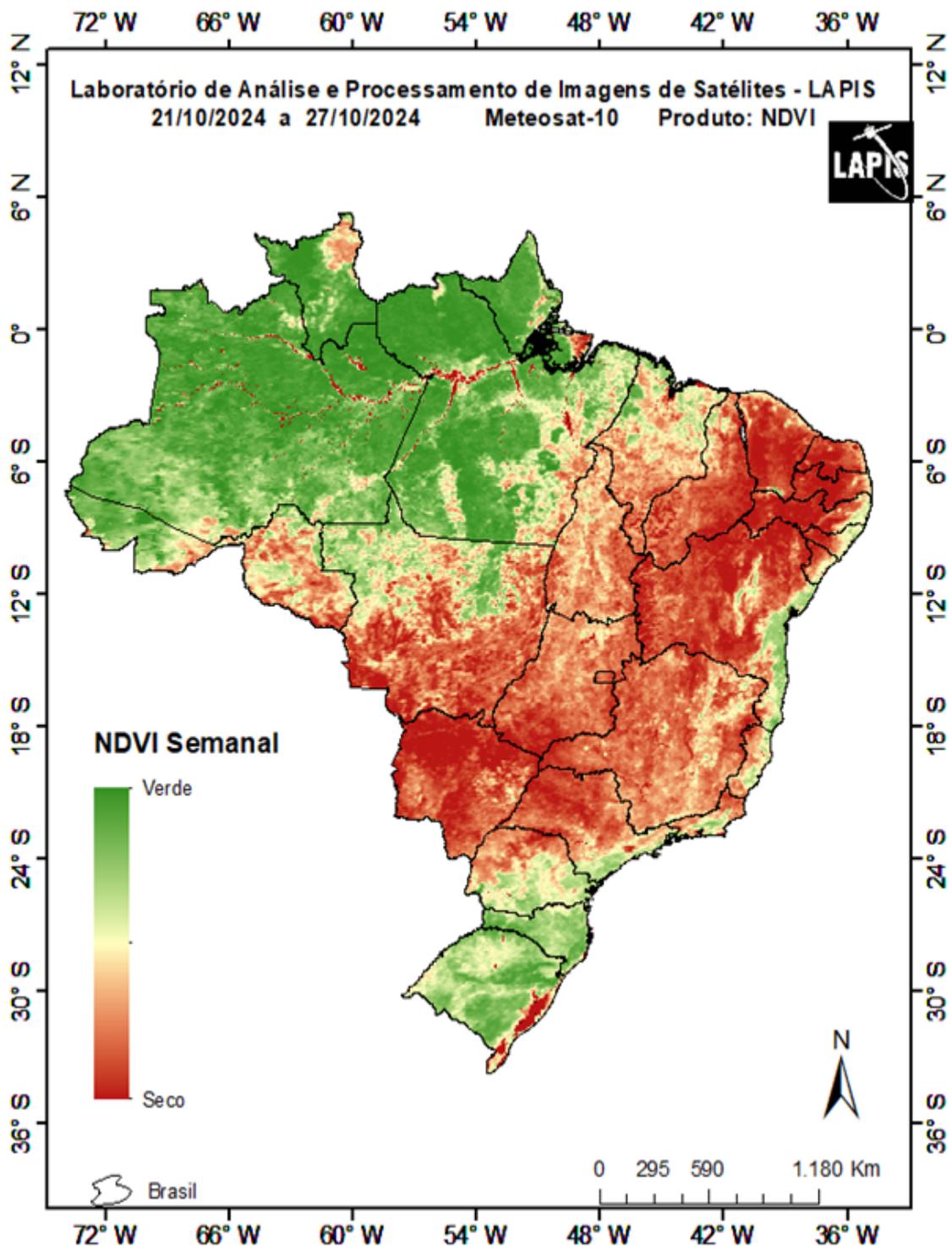
O novo mapa mostra que a estiagem ainda predomina no Nordeste e em áreas do norte da Amazônia.

O mapa da precipitação faz parte do portfólio de **produtos de monitoramento por satélite**, do Laboratório Lapis. Com essa ferramenta, é possível se manter atualizado sobre a distribuição das chuvas, em qualquer área do território brasileiro, com frequência mensal ou semanal.

O mapa semanal foi gerado no software livre QGIS, a partir do cálculo do Índice de Precipitação Padronizado (SPI). Esse índice de seca permite analisar a **duração, frequência e gravidade das secas meteorológicas**, usando dados do *Climate Hazards Group InfraRed Precipitation with Station data* (CHIRPS).

>> **Leia também:** [Cresce número de municípios afetados por seca-relâmpago no Brasil](#)

Mapeamento mostra áreas com cobertura vegetal afetada pela seca



A imagem mostra o **impacto da seca sobre a cobertura vegetal do Brasil**, no final de outubro. De acordo com o mapa, obtido a partir de dados do satélite Meteosat-10, este ano [a Amazônia enfrenta uma seca mais intensa](#), se comparada com a do ano passado.

De acordo com o meteorologista Humberto Barbosa, fundador do Laboratório Lapis, **o El Niño que permaneceu até junho** deste ano causou mais impactos sobre a vegetação da Amazônia.

“O aumento da degradação das terras, em razão do desmatamento e das queimadas, tem tornado a cobertura vegetal do bioma mais vulnerável à seca”, explica Humberto.

O mapa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) mostra um corredor com cobertura vegetal **sujeita a climas sazonalmente secos**, em diferentes biomas, desde o oeste do Paraná até o Mato Grosso. Esse corredor é vulnerável aos impactos de padrões climáticos adversos, que prolongam as secas.

Além do [El Niño](#) e das terras mais degradadas, secas repetidas causam **danos fisiológicos cumulativos à vegetação**. Durante uma seca extrema, acumula-se um legado de danos fisiológicos residuais nas plantas, interferindo na saúde da vegetação.

É por isso que, na estação chuvosa seguinte, mesmo que determinada área **receba volumes significativos de chuva**, é possível que muitas plantas morram ou não consigam se recuperar.

>> **Leia também:** [Mapeamento alerta para degradação de 40% da vegetação do Brasil em duas décadas](#)

Inscrições abertas

Os mapas e imagens de satélites utilizados em nossos posts são gerados no QGIS, o *software* livre de Geoprocessamento **mais usado do mundo**. Para processar esses produtos, [você pode passar 01 ano inteiro](#) sendo treinado pelo Laboratório Lapis.

Inscreva-se no [Curso online "Mapa da Mina"](#), que **ensina o método exclusivo do Laboratório Lapis** para dominar o QGIS, do zero ao avançado.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].

Copyright © 2017-2024 Letras Ambientais | Todos os direitos reservados | [Política de privacidade](#)

